

Expansão também será modesta no próximo ano

Do Rio

O Brasil não será uma ilha de prosperidade em plena recessão mundial, em 2002. O país continuará crescendo, mas a taxas modestas, no patamar de 3%, avalia o economista da PUC-RJ e consultor Dionísio Carneiro. Ele estima que este ano, apesar do fraco resultado do PIB do 3º trimestre, a economia brasileira ainda poderá registrar uma expansão de 2,5% em função de uma melhor performance no último trimestre do ano.

Na sua análise, a situação internacional nos próximos meses será de muita turbulência e isto vai gerar incertezas sobre os rumos da atividade econômica do país. "Acredito que 2003 será melhor."

Carneiro aponta as exportações como fator importante para manter a atividade interna e atrair investimentos, principalmente na área agrícola. "Ainda não sabemos o nível de dano que a recessão vai causar aos preços das commodities, mas acredito que as exportações serão necessárias para sustentar o nível de atividade em 2002".

Internamente, analisa, a demanda está encolhida pela política monetária, pela política fiscal austera e pela desvalorização do câmbio, que comprime o consumo, apesar de abrir espaço para se vender lá fora. E trabalha com expectativa de um superávit comercial de US\$ 3 a US\$ 4 bilhões em 2002. E entrada de investimento direto de US\$ 15 bilhões.

Quanto aos juros, avalia que o Banco Central continuará conservador e as taxas poderão até voltar a subir se as tarifas subirem muito e houver pressão na inflação. Ele garante que o BC está de olho na meta de inflação de 2002. Sua estimativa é uma taxa entre 4% a 5%. A seguir os principais trechos da sua entrevista:

Valor: A economia brasileira está indo bem neste final do ano. Temos condições de dar um salto em termos de crescimento, mesmo com cenário internacional desfavorável, em 2002?

Dionísio Carneiro: É muito difícil no mundo ter lugar hoje para ilha de prosperidade. Não dá para a gente pensar que o Brasil será ilha de prosperidade num mundo em

recessão. Não vai ser, pode ser uma ilha de oportunidades, uma ilha para aposta. Um dos países que olhado em confronto com seus concorrentes principais na busca de recursos — China, Rússia, Índia e México — tem capacidade de absorver investimentos. Quando olha para o Brasil o investidor vê que tem oportunidades. Houve uma consolidação institucional das coisas macroeconômicas básicas, uma consolidação política. Com todos os defeitos que se tenha, temos democracia numericamente expressiva com progressos em termos de resolver problemas de substituição de poder.

Valor: Isto nos credencia a ser o quarto maior absorvedor de investimentos?

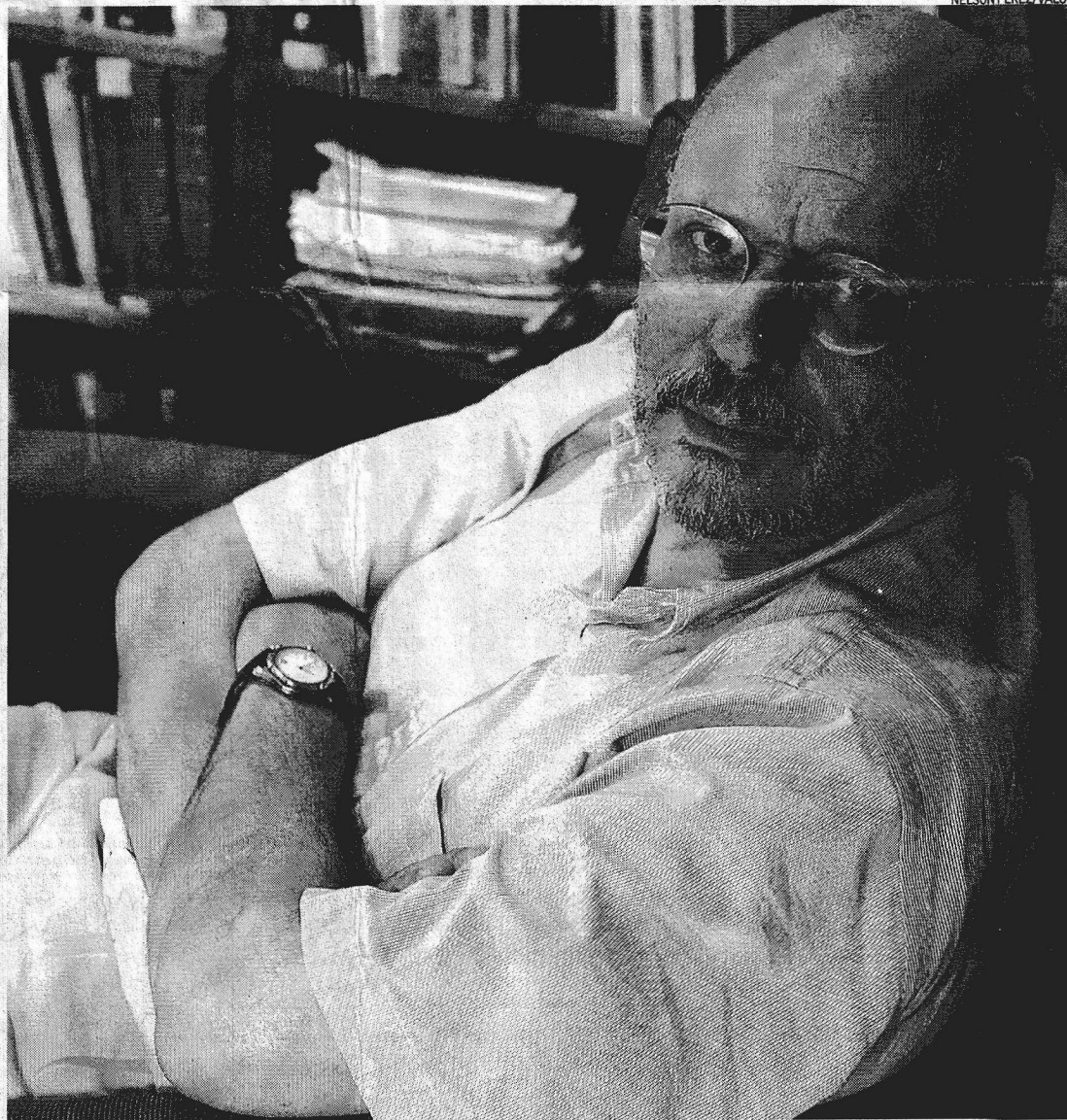
Carneiro: Acho que nos credencia para ser o terceiro, desde que se tenha um sistema de exportação que funcione.

Valor: A exportação vai sustentar a economia em 2002?

Carneiro: É difícil dizer isto com o risco de uma recessão mundial mais prolongada que estamos vivendo. Mas, com a desvalorização do real e uma estratégia inteligente as exportações poderão desempenhar papel muito importante. Elas serão necessárias para manter o nível de atividade, pois internamente a demanda está encolhida pelos juros, pela política fiscal austera e pela desvalorização cambial. A desvalorização comprimiu o consumo, apesar de abrir espaço para você vender lá fora. No momento em que a exportação responder ela cria renda, que terá efeito positivo sobre a economia doméstica. Aí cresce o produto (PIB) e a absorção doméstica de consumo e investimento. Mas, este processo pode levar meses. No caso brasileiro, como exportadores de commodities, este ciclo é mais curto e dará resultados positivos lá para abril ou maio.

Valor: E o investimento?

Carneiro: As exportações vão atrair investimentos. Os projetos de infra-estrutura portuária, transportes, energia, são exatamente os gargalos que ficam sendo pressionados pela atividade exportadora e que no momento em que o país e o mundo entram em recessão, o investidor engaveta. Ao retomar a exportação, ele muda de idéia. Mas, esta situação depende muito



Dionísio Carneiro: situação internacional terá muitas turbulências ainda no próximo ano, criando incertezas no país

do mercado internacional. O investimento vem, mas depende de crédito e há uma incerteza muito grande sobre oferta de crédito no mundo. A aversão ao risco hoje é natural. O impacto imediato é de secura sobre os emergentes.

Valor: O que espera para o mundo em 2002?

Carneiro: Você tem um a recessão que começou na indústria dos EUA há um ano atrás. A produção local mostra-se em declínio agora, mas está declinando há um ano. Pensando na duração esperada para um ciclo deste podemos trabalhar com 10 trimestres. E já estamos no quinto trimestre de recessão. Diria que precisaria de mais uns cinco trimestres para começar a retomada. O FED (banco central americano) vai baixar mais os juros enquanto perceber que o risco maior no mundo hoje é de uma recessão prolongada e muito forte.

Valor: Então, porque o Brasil tem juros tão altos? Medo da inflação?

Carneiro: Na minha interpretação esta é a forma do BC mostrar sua coerência com seu objetivo principal que é a meta da inflação do ano que vem. Suas projeções tinham piorado em todas as linhas, e o consenso do mercado era que a inflação esperada para o ano que

vem subiu. Em segundo lugar, há uma consciência maior do BC de que prevemos a inflação muito mal. E então temos aqueles intervalos de confiança que provocam desconfiança. Ficamos numa economia indexada a vida toda. Não temos experiência dessas oscilações de câmbio e os modelos de projeção são ruins. Você questiona toda hora, quando há uma oscilação maior, se aquilo é uma tendência explosiva ou não. Então, isto gera cenários que podem resultar em expectativas auto realizantes.

Valor: Qual sua previsão para a inflação no ano que vem?

Carneiro: Alguma coisa em torno de 4% a 5%.

Valor: E o câmbio? A apreciação do real veio para ficar?

Carneiro: A melhor e a taxa de câmbio ter oscilado. Não sei se daqui a três meses ela vai estar 10% mais alta ou 15% mais baixa. Mas, hoje tenho mais confiança porque oscila. Há quatro meses atrás tinha dúvidas se oscilava mesmo, ou se oscilava só para cima. Agora, oscila também para baixo. Isto faz toda a diferença. A desvalorização do real é suficiente para ajustar o balanço de pagamentos. E se tivermos normalidade no mundo

isto sobra para pagar nossas contas. As necessidades de financiamento do país para o ano que vem ficariam em torno de US\$ 5 bilhões, prevejo US\$ 15 bilhões de investimento diretos entrando e saldo comercial entre US\$ 3 a US\$ 4 bi.

Valor: E o racionamento em 2002?

Carneiro: Diminuição da restrição de energia é aparente porque se fosse 20% sobre o verão do ano passado é uma coisa, mas agora é 7% sobre o inverno. Piorou muito. Mas, o efeito sobre a produção já passou. As medidas de defesa funcionaram e o governo deu uma demonstração de que estava vivo e ativo. O efeito pra a frente é positivo. A oferta de energia não vai ser um entrave ao crescimento no ano que vem. Os entraves podem ser a conjuntura internacional e nossa dificuldade de prever a inflação.

Valor: E as eleições, podem perturbar a conjuntura?

Carneiro: Acredito que o discurso do Lula não vai ser destabilizador. O PT descobriu que tem condições de disputar e o Lula, ao se colocar como candidato a governar e não a derrubar o governo, faz uma diferença enorme. (VD)